

Tributo ao conhecimento africano a busca do conhecimento e da sabedoria nas origens africanas

Maria Lourdes Siqueira

Doutora em Antropologia Social e Etnologia pela École des Hautes Études
en Sciences Sociales EHESS - Paris - França,
professora aposentada da Universidade Federal da Bahia - UFBA,
diretora da Associação Cultural Bloco Afro ILE AIYÊ,
conselheira consultiva do CCN Centro de Cultura Negra do Maranhão.

As escolhas que definem e orientam as ideias aqui apresentadas nascem de uma vontade maior – homenagear raízes, origens, legados que constituem dimensões dos saberes e conhecimentos da ÁFRICA MÃE, berço da humanidade, e suas contribuições às diversas áreas de estudos, pesquisas e vivências, através do pensamento de autores africanos, homens e mulheres clássicos e contemporâneos.

Queria escrever este livro à semelhança de um rio com múltiplos afluentes, neste preciso momento em que a História e as coisas se voltam para nós e em que a Europa “deixou” de ser o centro de gravidade.

Experiência fundamental de nossa época. Estamos ainda nos primeiros passos (Pág. 11) perplexidades, perigos, novas possibilidades para o estudo crítico. À primeira vista, CRÍTICA DA RAZÃO NEGRA consiste pois num conjunto de vozes, enunciados, discursos, saberes comentários, cujo objeto são as coisas e as pessoas de origem africana... (MBEMBE, 2018, p. 60)¹

Estamos buscando desmistificar princípios e ideologias geradores que sustentam as tradições legadas pelo sistema colonial-escravista e que se reelaboram no sistema capitalista de produção, entre racismo, desigualdades, intolerâncias que se naturalizam na dinâmica da sociedade contemporânea entre discriminações e menosprezos que hierarquizam as pessoas por suas origens, suas raízes, sua cultura e civilizações tradicionais. É nesta perspectiva que reafirmamos nosso compromisso com a Universidade e os princípios que a constituem.

A Universidade, mais que uma instituição, é um organismo social onde a produção e a transmissão do conhecimento são seus papéis

¹ Achille Mbembe. Crítica da razão negra. 1ª edição. 2018.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. Tributo ao conhecimento africano a busca do conhecimento e da sabedoria nas origens africanas METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 127-149, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

principais. Conteúdos que deveriam ser resultado de uma relação dialética entre os três segmentos sociais que expressam suas contradições, ou suas especificidades.

... A dicotomia entre trabalho intelectual e o chamado não intelectual se reproduz na divisão social do trabalho e nas diversas relações mantidas no interior da Universidade (SENUN, 1993).²

UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DO CONTINENTE AFRICANO

Entre as civilizações mais antigas da humanidade, algumas desenvolveram-se no Continente Africano: a Egípcia, a Cuxita, a Axumita e a Etíope. A história do Egito faraônico talvez seja a mais conhecida entre nós, mas todas essas civilizações, a um longo período da história da humanidade, vêm desenvolvendo tecnologias e inúmeras formas de organização de suas sociedades e produzindo um enorme legado para toda a humanidade (MUNANGA, 2004, p. 34).³

Na África tradicional, o indivíduo é inseparável de sua linhagem, que continua a viver através dele e da qual ele é apenas o prolongamento.” É por isso que quando desejamos homenagear alguém, o saudamos chamando-o repetidas vezes, não pelo seu próprio nome, que corresponderia no Ocidente ao nome de batismo, mas pelo nome de seu clã. . . Porque não está saudando o indivíduo isolado e sim, nele toda a linhagem de seus ancestrais.” (BÂ, 2003).⁴

A visão da África Subsaariana na historiografia colonial, deixou imagens estereotipadas que resistem até hoje no imaginário coletivo das populações contemporâneas, imagens estas popularizadas nos clichês dos filmes de Tarzan. Até hoje, na maioria das imagens atuais sobre a África, raramente são mostrados vestígios de um palácio real, de um império, as imagens dos reis e rainhas e ainda menos de uma cidade moderna africana, construída pelo próprio ex-colonizador. As imagens mostram uma África reduzida, dividida, enfocando sempre aspectos negativos como atraso, selva, fome, calamidades naturais, doenças endêmicas, aids, guerras, miséria e pobreza. Até as vésperas da África colonial moderna era possível encontrar com facilidade as imagens positivas da África.” (MUNANGA, 2009, p. 11).⁵

Continuando com o pensamento do professor Kabenguele⁶:

² SENUN - Seminário Nacional de Universitários Negros. “A Universidade que o povo negro quer.” Em: 1. Salvador - Bahia, 1993.

³ Kabenguele Munanga & Nilma Lino Gomes. Para entender o negro no Brasil: histórias, realidades, problemas e caminhos. Ação Educativa. Coleção Viver e Aprender. São Paulo, Global, 2004.

⁴ Amadou Hampâté Bâ, 2003

⁵ Kabenguele Munanga. Origens africanas no Brasil contemporâneo: histórias, línguas e civilizações. São Paulo, Global, 2003.

⁶ O Professor Doutor Kabenguele Munanga é africano da República Democrática do Congo, SIQUEIRA, Maria de Lourdes. Tributo ao conhecimento africano a busca do conhecimento e da sabedoria nas origens africanas METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 127-149, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

A África é um imenso continente de 30 milhões de quilômetros quadrados de superfície que abriga diversas civilizações, milhares de etnias e culturas distintas. Possui uma população de 600 milhões de habitantes, distribuídos entre centenas de povos, que falam diversas línguas ao mesmo tempo diferentes e semelhantes. Geograficamente o deserto de Sahara do Norte criou uma divisão natural em duas partes desiguais em extensão territorial: a África do Norte e a África Subsaariana. A África do Norte, África Árabe abriga os países do Magreb: Marrocos, Argélia, Tunísia, Líbia e Egito. A África Subsaariana conhecida como África Negra – África Ocidental, Oriental, Central e Austral. Há ainda as ilhas africanas cujo estatuto político depende ainda de alguns países ocidentais. (MUNANGA, 2009, p. 13 e 16).⁷

Todo esse complexo entre terras, povos, costumes, tradições são expressos em grupos étnicos com suas próprias línguas, calculadas entre 800 a 2.000 línguas próprias. Essas línguas têm seus troncos linguísticos trazidos, mesclados e reelaborados nas diásporas.

A colonização atingiu substancialmente a questão da unidade, da identidade e da linguagem, uma vez que fazia parte da escravização separar grupos étnicos, famílias, aldeias o que implicou na quebra cultural das pessoas, sobretudo sua capacidade de expressão em sua própria língua em seu jeito de comunicar seus valores, seu jeito de ser e de conviver com os seus e outras pessoas. Tudo contribuiu à negação de uma raça e implantação e refinamento de uma prática nociva ainda vigente em tempos contemporâneos – racismo, desigualdades, discriminações, destituições de direitos, sobretudo o direito de ser e de viver com dignidade. Quebrar a cultura é negar a raça. (MUNANGA, 2009).⁸

Questões do Método

A pesquisa social é a atividade básica da ciência. A epistemologia gera, orienta e constrói o conhecimento. O Método é o caminho do pensamento, a orientação teórica,

professor titular da Universidade de São Paulo – USP – na Faculdade de Ciências Humanas, hoje professor sênior da Universidade Federal do Recôncavo Baiano – UFRB. Professor Kabenguele é um ícone da intelectualidade africana no Brasil. Militante aguerrido na universidade e no Movimento Afro Brasileiro, articula com sabedoria uma vivência rica em qualidade de um ser humano que honra seu continente de origem e a diáspora africana no Brasil, país que agradece a sua presença e riqueza de suas contribuições.

⁷ Kabenguele Munanga. *Origens africanas no Brasil contemporâneo: histórias, línguas e civilizações*. São Paulo: Global, 2003.

⁸ Kabenguele Munanga. *Origens africanas no Brasil contemporâneo: histórias, línguas e civilizações*. São Paulo: Global, 2003.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. Tributo ao conhecimento africano a busca do conhecimento e da sabedoria nas origens africanas METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 127-149, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

que assegura o trabalho intelectual, um fio condutor no processo de estudo e pesquisa de uma realidade. É assim que se definem o objeto, questão de pesquisa, conjecturas, expectativas de respostas, referencial teórico- metodológico - a estrutura do trabalho científico.

O método é orientado por correntes teóricas e estas são definidas à medida que articulam evidências a respeito do fenômeno determinado. É nessa perspectiva que construímos este trabalho, escolhendo um objetivo maior: homenagear a África, prestando um tributo ao conhecimento africano. Selecionamos autores e áreas de conhecimento, construímos uma bibliografia básica, definimos em cada um(a) dos(as) autores(as), sua contribuição específica à humanidade, em tempos e lugares diversos.

As metodologias de pesquisa criadas por estudiosos, pesquisadores africanos, é interativa, interdisciplinar, ancorada na concepção de totalidade do ser, diferentes dimensões são articuladas porque a pessoa é considerada um todo a partir de uma raiz, um fundamento - de onde tudo emana e a tudo orienta o pensamento africano. Toda a interpretação parte de uma dimensão comunitária, porque na África as pessoas não se constituem sozinhas, individualmente, a dimensão comunitária é fundamental e tudo é pensado nessa perspectiva.

Dimensões do Pensamento Africano

Durante muito tempo, mitos e preconceitos de toda espécie esconderam do mundo a real história da África. As sociedades africanas passavam por sociedades que não podiam ter história. . . ao escrever a história de grande parte da África recorria-se somente a fontes externas à África. ... havia uma recusa a considerar o povo africano como criador de culturas originais que floresceram e se perpetuaram, através dos séculos, por vias que lhe são próprias e o que o historiador só pode aprender renunciando a preconceitos e renovando seus métodos. (M'BOW, 2010).⁹

Em prefácio à História Geral da África, editada por Joseph Ki-Zerbo, o então diretor da UNESCO, M. Amadou Mahtar M'Bow, apresenta esse pensamento que se tornou clássico na história da África.

⁹ Amadou Mahtar M'Bow. História Geral da África. Editado por Joseph Ki-Zerbo. 2010.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. Tributo ao conhecimento africano a busca do conhecimento e da sabedoria nas origens africanas METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 127-149, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

Amadou Hampaté Bâ: A Tradição Oral

Reconhecidos autores afirmam a cientificidade dos saberes africanos que nos são apresentados pela veracidade da tradição oral de seus métodos, suas pesquisas, seus resultados. Um dos representantes dessa história legada pela oralidade é um dos nossos mestres maiores que nos brinda com o seu trabalho de pesquisa orientado pela Metodologia da tradição oral.

Amadou Hampaté Bâ, nascido em Bandiagara, região das savanas da África do Oeste, no atual Mali. Seus pais, seus ancestrais eram os fulas – presentes em todos os lugares, mas sem domicílio em parte alguma. A pura tradição fula, sobretudo a religiosa e iniciática, perpetuou-se entre os únicos fulas pastores da alta “brousse” - longe das cidades e das aldeias.

Hampaté conta que seu avô, Paté Poullou, era um staligu, grande mestre de iniciação, sacerdote, mestre espiritual de sua aldeia, com poderes extraordinários: vidente, adivinho, médico tradicional, um dia conheceu El Hadj Omar – Grande Mestre da confraria islâmica Tidjaniya, o que o levou a reunir a família, irmãos, parentes mais importantes e representantes da aldeia, e pediu permissão para partir ao encontro de El Hadj Omar. Ele partiu e assim apresentou-se ao chegar à confraria:

Não vim ao teu encontro para adquirir conhecimento, pois neste mundo, nada podes me ensinar que eu já não saiba. Sou um STALIGU, um iniciado FULA. Conheço o visível e o invisível. Tenho o ouvido da floresta, entendo a língua dos pássaros, leio o rastro dos pequenos animais no chão e as manchas luminosas que o sol projeta através das folhagens, sei interpretar o sussurro dos quatro grandes ventos e dos ventos secundários como a passagem das nuvens através do espaço porque para mim tudo é sinal de linguagem (HAMPÂTÉ BÂ, 2003).¹⁰

Amadou Hampaté Bâ: A Pesquisa de Campo pela Tradição Oral

A tradição oral é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, História da Arte, divertimento e recreação, sempre nos permite remontar à Unidade Primordial.

¹⁰ Amadou Hampaté Bâ. Raízes. A Dupla Herança. Amkoullel, O Menino Fula. São Paulo: Pallas Athenas, Casa das Áfricas, 2003.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. Tributo ao conhecimento africano a busca do conhecimento e da sabedoria nas origens africanas METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 127-149, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

Hampâté Bâ realizou uma pesquisa de grande fôlego, cuja metodologia ele descreve a partir do reconhecimento de haver adquirido uma formação sólida para qual trabalhou durante 15 anos, ouvindo mil informantes. Selecionou, analisou, reteve os relatos concordantes com relação às tradições macenanke e tukolor e demais etnias envolvidas. Foram observados expressões, comportamentos, linguagens relacionadas à confiança que se concede a testemunhos orais de fatos passados, a origem divina da palavra na concepção de certas etnias africanas, o poder da fala; as categorias tradicionalistas, que são os grandes depositários da herança oral, a autenticidade da transmissão. Um dos eixos fundamentais da tradição oral são os relatos dos tradicionalistas (HAMPÂTÉ BÂ, 2003).¹¹

Processos de Iniciação definidos na referida pesquisa

Os processos de iniciação preparam para a vida e o exercício profissional, considerados sagrados:

- O ferreiro; o tecelão; o carpinteiro; o trabalhador de couro; os caçadores; os pescadores; os curadores.
 - Existem três tipos de ferreiro (numu em bambara, baylo em fulfulde):
 - O ferreiro de mina (ou de alto-forno), que extrai os minérios e funde metal. Os grandes iniciados entre eles podem, igualmente, trabalhar na forja;
 - O ferreiro de ferro negro, que trabalha na forja mas não extrai minérios;
 - O ferreiro dos metais preciosos, ou joalheiro, que geralmente é cortesão e, como tal, instala-se nos pátios externos dos palácios de um chefe nobre.
 - Existem três tipos de tecelões (maabo):
 - O tecelão de lâ, que possui o maior grau de iniciação. Os motivos dos cobertores são sempre simbólicos e estão associados aos mistérios dos números e da cosmogonia. Todo desenho tem um nome;
 - O tecelão de kerka, que tece imensos cobertores, mosqueteiros e cortinas de algodão que podem ter até um cm. de comprimento com uma infinita variedade de motivos. A pesquisa chegou a examinar uma dessas cortinas com 165 motivos. Cada motivo recebe um nome e tem um significado. O próprio nome é um símbolo que representa várias realidades;
 - O tecelão comum, que confecciona faixas simples de tecido branco e que não passa por uma grande iniciação.
 - Também existem três tipos de carpinteiros (saki em bambara, labbo em

¹¹ Amadou Hampâté Bâ. Raízes. A Dupla Herança. Amkoullel, O Menino Fula. São Paulo, Pallas Athena, Casa das Áfricas, 2003.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. Tributo ao conhecimento africano a busca do conhecimento e da sabedoria nas origens africanas METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 127-149, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

fulfulde):

- Aquele que faz almoxarife, pilões e estatuetas sagradas. Como na ferraria, a carpintaria simboliza as duas forças fundamentais: o almoxarife representa, como a bigorna, o polo feminino, enquanto o pilão representa, como o martelo, o polo masculino. Além do ritual de “carregamento”, a escolha e o corte da madeira também devem ser realizados sob condições especiais, cujo segredo só o lenhador conhece;
- Aquele que faz utensílios ou móveis domésticos de madeira;
- Aquele que fabrica pirogas, devendo ser iniciado também nos segredos da água.
 - Existem três tipos de trabalhadores de couro (garanke em bambara, sakke em fulfulde):
- Os que fazem sapato;
- Os que fazem arreios, rédeas, etc.
- Os que fazem celeiros ou correeiros.

O trabalho do couro também envolve uma iniciação, e os garanke geralmente têm a reputação de curadores e adivinhos.

Os caçadores, os pescadores e os agricultores não correspondem a castas, mas sim a etnias. Suas atividades estão entre as mais antigas da sociedade humana: a “colheita” (agricultura) e a “caça” (que compreende “duas caças”, uma na terra e a outra na água) representam também grandes escolas de iniciação, pois não há quem se aproxime imprudentemente das forças sagradas da Terra-Mãe e dos poderes da mata, onde vivem os animais. A exemplo do ferreiro de alto-forno, o caçador, de modo geral, conhece todas as “encantações da mata” e deve dominar a fundo a ciência do mundo animal.

Os curadores (que curam por meio de plantas ou pelo “dom da fala”) podem pertencer a qualquer classe ou grupo étnico. Normalmente eles são Doma.

Os animadores públicos, ou griots, diele em bambara segundo Amadou H. Bâ

Se as ciências religiosas tradicionais são privilégios dos “mestres da Faca” e dos chantres dos deuses, a música, a poesia lírica e os contos que animam as recreações populares, e normalmente também a história, são privilégios dos “griots”, espécie de trovadores ou menestréis que percorrem o país ou estão ligados a uma família.

Sempre se supôs – erroneamente – que os “griots” fossem os únicos ‘tradicionalistas’ possíveis. Mas quem são eles? Classificam-se em três categorias:

- Os griots músicos, que tocam qualquer instrumento (monocórdio, SIQUEIRA, Maria de Lourdes. Tributo ao conhecimento africano a busca do conhecimento e da sabedoria nas origens africanas METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 127-149, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

guitarra, cora, tantã, etc.). Normalmente são excelentes cantores, preservadores, transmissores da música antiga e, além disso, compositores.

- Os griots “embaixadores” e cortesãos, responsáveis pela mediação entre as grandes famílias em caso de desavenças. Estão sempre ligados a uma família nobre ou real, às vezes a uma única pessoa.
- Os griots genealogistas, historiadores ou poetas (ou os três ao mesmo tempo), que em geral são igualmente contadores de história e grandes viajantes, não necessariamente ligados a uma família.

No Centro de Mali entre castas ou niamakala são: os ferreiros; os tecelões; os trabalhadores da madeira; os trabalhadores do couro; os animadores públicos.

Os conhecimentos se entrelaçam. O ferreiro está no topo da hierarquia, seguido do tecelão. Ambos implicam o mais alto grau de iniciação. A forja, a extração de minério, de metais preciosos. Os caçadores e pescadores têm domínio específico de conhecimento na área. A agricultura tem iniciação mais ligada à matriz, à Mãe Terra.

Meu método consistia em gravar os pensamentos, primeiramente das narrativas sem me preocupar com sua veracidade, só em uma etapa posterior comparava as narrativas e analisava as comparações (HAMPÂTÉ BÂ, 2003).¹²

Cheikh Anta Diop

O historiador mais popular da África Negra. Reconhecido entre os quadros intelectuais e políticos por jovens estudantes, pelos intelectuais de seu tempo, por funcionários, políticos, incluindo os mais altos responsáveis dos Estados. Seus trabalhos, elaborados segundo as regras acadêmicas mais rigorosas, sem perder de vista os recursos da tradição oral que ele soube utilizar com espontaneidade e autenticidade (M'BOKOLO, 1996).¹³

Todo trabalho de Cheikh Anta Diop – suas teses fundadoras foram tardiamente publicadas – sobretudo o caráter negro das civilizações do Egito faraonístico, a austeridade das civilizações negras; o conceito de civilização; a continuidade ante as antigas civilizações africanas e a África contemporânea – considerado, reconhecido como discípulo mais fiel, herdeiro, o mais fecundo do Mestre Teophilo Obenga (M'BOKOLO, 1996).¹⁴

¹² Amadou Hampâté Bâ. Raizes. A Dupla Herança. Amkoullel, O Menino Fula. São Paulo, Pallas Athenas, Casa das Áfricas, 2003.

¹³ Elikia M'boloko. Preface in Favelle Francois Xavier, L'Afrique de Cheik Anta Diop. Histoire et Idéologie. Paris: Karthala, 1996.

¹⁴ Elikia M'boloko. Preface in Favelle Francois Xavier, L'Afrique de Cheik Anta Diop. Histoire et Idéologie. Paris: Karthala, 1996.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. Tributo ao conhecimento africano a busca do conhecimento e da sabedoria nas origens africanas METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 127-149, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

O reconhecimento à sua capacidade pedagógica de aprofundamento de seus argumentos (M'BOKOLO, 1996).¹⁵

Diop ouviu do júri que presidiu a sessão de defesa de sua Tese de Doutorado:

Nós gostaríamos muito de lhe conferir o título de doutor, mas com uma outra These.”

Hoje poderíamos interpretar assim: Nós reconhecemos bastante sobre a África Negra uma história, e civilizações. Mas não mescle, sobretudo, o Egito antigo, que não pertence à África. (M'BOKOLO, 1996).¹⁶

É reconhecida a lamentável história da recusa da tese de Cheikh Anta Diop, que com o tempo e aprofundamento dos seus estudos por sábios de diferentes procedências, tornou-se um best-seller. Mais que um livro de história, é uma tomada de posição e uma profissão de fé política. (M'BOKOLO, 1996).¹⁷

Cheik Anta Diop - herói ou mártir, sábio ou político, historiador ou filósofo, testemunha do passado ou valor do futuro. Seguem-se suas publicações:

- Nations Nègres et culture. De la Antiquité négra égyptienne aux problèmes culturels d’Afrique Noire d’aujourd’hui. Paris. Présence Africaine 1^a ed. 1955. 390 páginas.
- Les fondements économiques et culturels d’un État Federal d’Afrique Noire. Paris. Présence Africaine 1^a ed. 1960. 144 páginas.
- Anteriorité des civilisations négres. Mithe a Verité historique? Paris. Présence Africaine, 1967. 299 páginas.
 - “Seus trabalhos nasceram em meio a batalhas por independências e interrogações sobre o destino da África (Pág. 12 - M'Bokolo 1996), oscilam entre dois polos: o político e o científico, um fundamentando o outro. É preciso interpretá-los a partir do novo contexto – as crises múltiplas que atravessam as sociedades africanas dão ao pensamento e à produção de Cheikh Anta Diop uma vitalidade e uma atualidade bastante raras, mesmo depois de 10 anos de sua morte. (M'BOKOLO, 1996).¹⁸

Joseph Ki-Zerbo

Historiador, nascido em Toma – Burkina Faso. Estudou em Paris, no Instituto de

¹⁵ Elikia M'boloko. Preface in Favelle Francois Xavier, L’Afrique de Cheik Anta Diop. Histoire et Idéologie. Paris: Karthala, 1996.

¹⁶ Elikia M'boloko. Preface in Favelle Francois Xavier, L’Afrique de Cheik Anta Diop. Histoire et Idéologie. Paris: Karthala, 1996.

¹⁷ Elikia M'boloko. Preface in Favelle Francois Xavier, L’Afrique de Cheik Anta Diop. Histoire et Idéologie. Paris: Karthala, 1996.

¹⁸ Elikia M'bokolo. Diretor de estudos da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. Tributo ao conhecimento africano a busca do conhecimento e da sabedoria nas origens africanas METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 127-149, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

Estudos Políticos de Paris. Foi professor na França, no Senegal, na Guiné e em Burkina Faso.

Para Ki-Zerbo:

Seria necessário associar tudo ao máximo: a ciência, a consciência e a vida. É verdadeiramente a vocação do ser humano. Se ele se considera superior aos animais é preciso que consiga não só descobrir fórmulas, mas também viver como um ser humano superior, investigador e conquistador de sentido, capaz de construir um mundo diferente, por outro mundo de justiça, solidariedade e respeito mútuo entre os homens e as mulheres.”

J. Ki-Zerbo é acima de tudo um transformador da História, pensador, cientista no mais amplo sentido do que esse título significa, militante socialista pela democracia, criador de uma metodologia específica para estudo, pesquisa e ação na perspectiva de busca de um rigor científico que leva a transitar na diversidade da História e da Ciência. Intelectual que alcança os mais altos níveis da retidão científica entre tradição e contemporaneidade, privilegiando domínios da Ciência entre História da África, Identidade Africana, Educação Africana e Desenvolvimento Endógeno e Unidade Africana.

É com essa segurança intelectual que o professor Joseph Ki-Zerbo afirma:

A África é o berço da humanidade. Todos os cientistas do mundo admitem hoje que o ser humano emergiu na África. A África foi o berço de invenções fundamentais constitutivas da espécie humana durante centenas de milhares de anos. Foi no Egito que a maior civilização da antiguidade surgiu. O Egito é filho natural dos primeiros tempos da África.

Na Sorbonne lancei-me de corpo e alma aos estudos com paixão. Meus colegas mais velhos na Sorbonne como os poetas Aimé Césaire, Leopold Sedar Senghor, René Depestre assumimos essa luta com um olhar sem complexos, que respondia ao desprezo de um DESAFIO (Pág. 14) a uma educação capenga, míope, que desprezava e ocultava os valores da cultura africana. Pág. 5

... Quando juntamente com Kwamane Khumah, Amílca e Cabral e outros, batalhamos pela independência, replicavam-nos: “você nem podem produzir uma agulha, como querem ser independentes?...”¹⁹

O objetivo do I volume da História da África é uma iniciativa científica. A

¹⁹ Joseph Ki-Zerbo. Para Quando África? Entrevista com René Holenstein, tradução Aboim de Brito. Pallas, 2009.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. Tributo ao conhecimento africano a busca do conhecimento e da sabedoria nas origens africanas METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 127-149, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

história da África é a memória dos povos... A natureza e os homens, a geografia e a história não foram benevolentes com a África.

Três fontes principais constituem os pilares do conhecimento histórico: os documentos escritos, a arqueologia e a tradição oral... A tradição oral, diz Ki-Zerbo:

não é apenas uma fonte que se aceita por falta de outra melhor, e a qual nos resignamos por desespero de causa. É uma fonte integral, cuja metodologia já se encontra bem estabelecida, e que confere à história do Continente Africano uma notável originalidade.”²⁰

A cidade e o campo segundo Joseph Ki-Zerbo

Pode-se distinguir dois polos culturais na África: um patrimonial no campo, outro nos centros urbanos. Esse dois polos se encarnam em dois personagens típicos: de uma parte os camponeses; de outra os homens de negócios intelectuais, comerciantes e quadros com papéis diversos na sociedade. Todos gestores da nossa Identidade, mas não da mesma maneira.²¹

O ponto de vista de Ki-Zerbo a respeito de religiões, medicina tradicional

As religiões desempenham um papel, uma influência positiva sobre o desenvolvimento e sobre a história, apesar da linguagem das estatísticas, as religiões tradicionais ainda desempenham um papel muito importante nas sociedades africanas.

Os africanos fizeram progressos enormes, no conhecimento, e na utilização das plantas, por exemplo, para a cura da hepatite, a redução das fraturas...

Foi através desses métodos científicos que os remédios foram aperfeiçoados, com a diferença de que, nos sítios onde não havia escrita, a acumulação dos conhecimentos fazia-se menos bem. Quanto à transferência dos conhecimentos, entre gerações se realizava pela oralidade.

Infelizmente todas essas invenções foram ocultadas, para que os países africanos fossem objetos a explorar... hoje, cientistas europeus se interessam pelos achados da África. Vêm colher as cascas das árvores, as raízes, as folhas, a fim de tentar descobrir os seus princípios ativos, para a produção de remédios. (KI-ZERBO, 2009).²²

²⁰ Joseph Ki-Zerbo. História Geral da África I Metodologia e pré-história da África. Introdução Geral. 1996.

²¹ Joseph Ki-Zerbo. Para Quando África? Entrevista com René Holenstein, tradução Aboim de Brito. Pallas, 2009.

²² Joseph Ki-Zerbo. Para Quando África? Entrevista com René Holenstein, tradução Aboim de Brito. Pallas, 2009.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. Tributo ao conhecimento africano a busca do conhecimento e da sabedoria nas origens africanas METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 127-149, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

O conhecimento africano é transdisciplinar diz Joseph Ki-Zerbo

Dimensões apontadas por Joseph Ki-Zerbo com referência à transdisciplinaridade:

- As fontes de pesquisa são complementares.
- A tradição oral é a história vivida e transmitida através da memória coletiva (pág. 370)
- A linguística é uma "companheira fiel e fecunda" (pág. 371)
- A música é uma celebração coletiva, onde a trilogia canto – dança – música constituem uma síntese da qual fazem parte a linguística, a história, a botânica, a psicologia social, a psicologia, a filosofia, a psicanálise e a religião (pág. 371)
- As Ciências Naturais e Exatas são importantes para afinar a ideia do passado, a começar pela computação (1982) para o tratamento de certos dados numéricos (pág. 373).
- Os processos técnicos, físicos, químicos e bioquímicos, de análise dos metais, das plantas e dos gêneros alimentícios (pág. 373)
- O estudo das catástrofes naturais, vincula-se à climatologia.
- A Antropologia contribui para a construção de uma história mais autêntica das culturas e das civilizações.²³

- Provérbios Africanos:
 - O trabalho pela preservação do meio ambiente é contribuição do bem-estar da humanidade. Pág. 53 – Swahili. Meio Ambiente.
 - Educação é um trabalho para a vida inteira. Pág. 08 – Haitiano. Educação.
 - A saúde sobe montanhas. Pág. 87 – Swahili. Saúde.
 - A pessoa que viveu com mais tempo conviveu com mais sabedoria. Pág. 135 – Owando. A Idade conta no saber.
 - Ninguém que precisa ser reconhecido pode ser entendido por uma pessoa sábia. Pág. 201 – Yoruba – Sabedoria.
 - A pessoa que vai à frente conhece o caminho. Pág. 107 – Uganda. Conhecimento.
 - Tanto quanto meu irmão, eu não desisto de contribuir com os trabalhos da minha família. Pág. 63 – Egito Antigo. Família.
 - As palavras dos homens passam de um lado, as coisas que Deus dá passam de outro lado. Pág. 78 – Egito Antigo. Deus.

A ARTE AFRICANA NÃO CESSA DE SE TRANSFORMAR

²³ História Geral da África I metodologia e pré-história da África. Coordenados do Vol. I Joseph Ki-Zerbo. São Paulo. África Unesco – 1982. Os métodos interdisciplinares utilizados nesta obra. Joseph Ki-Zerbo. Pág. 367 – 368.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. Tributo ao conhecimento africano a busca do conhecimento e da sabedoria nas origens africanas METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 127-149, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

Um dos domínios fortemente expressivos entre civilizações e culturas africanas tradicionais e contemporâneas são as ARTES.

Desde os tempos primordiais, artistas africanos retratam os mais diversos campos do conhecimento entre desenhos, fotografias, imagens em bronze, cerâmica, metais diversos.

São reconstituições históricas que precedem textos escritos há milênios. Em estátuas de reis e rainhas, por exemplo, na arte egípcia podem se distinguir representações étnicas do Vale do Nilo.

Há relatos de que uma parte da herança das artes do Reino de Meroé são encontradas na arte da Nigéria e do Benin, bastante conhecidas no Brasil através de livros de arte, de exposições e referências que tornam possível reconhecer a prevalência de uma qualidade artística de belo refinamento, no legado da arte africana desde os tempos primordiais.

Há uma continuidade que acompanha a dinâmica dos tempos contemporâneos, por exemplo, na África do Sul, há um comprometimento político – social e artístico que se reflete nas artes entre gravuras, fotografias e exposições, atestando um ativismo individual e coletivo. Uma recente exposição registrada em um livro catálogo apresenta a arte sul africana que se reinventa das mais diversas expressões artísticas (Être La, 2017).²⁴

Nossa escolha aqui recai, sobretudo, nos artistas, eles próprios e seu posicionamento a respeito de uma situação econômico-social, sobre a qual eles têm consciência e a convicção de poder intervir e assumir um papel. (Être La, 2017)²⁵

Portadores de uma grande esperança, os anos pós apartheid suscitaram um ELAN, ...apesar do fim do apartheid a realidade testemunha uma outra segregação econômica e social à qual esses artistas são particularmente sensíveis. É nesse contexto que os jovens criadores encontram sua razão de ser e transformam, através de suas obras, um certo desencantamento (Suzane Pagé & Angeline Scheirf, 2017) ²⁶

“A arte africana não cessa de se transformar depois de milênios.”

Sommona Valerie Ouedrago

²⁴ Laurence Lemaona. Nossa Liberdade não pode esperar. Dilecta, Être La 2017.

²⁵ Laurence Lemaona. Nossa Liberdade não pode esperar. Dilecta, Être La 2017.

²⁶ Suzane Pagé & Angeline Scheirf. Afrique du Sul, une scène contemporaine. Editions Dilecta.Fondation Louis Vuitton, Paris, 2017.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. Tributo ao conhecimento africano a busca do conhecimento e da sabedoria nas origens africanas METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 127-149, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

Uma mulher africana, de Burkina Faso, atravessa fronteiras até a Alemanha e torna-se doutora, professora, pesquisadora.

Nascida em Ouagadougou, diplomada trabalhadora social e Pedagoga Social (Hochschule Mittweida) é doutora em Filosofia (opção Pedagogia Social) da Faculdade de Ciências Humanas – Universitat Kassel. Ela é atualmente professora da Faculdade de Serviço Social na Universidade de Alberta, no Canadá.

Desenvolve uma reflexão sobre a condição da mulher, sobre a mundialização, explorando as relações complexas entre o cotidiano e o universal, através de testemunhos de vida e reflexão teórica entre sonhos, questionamentos, viagens. É nessa trajetória e com essas buscas que ela se situa entre o Burkina Faso, em Ouagadougou e a Universidade da Alemanha, de onde retorna com seu título de Doutorado à Universidade canadense onde trabalha.

Wangari Maathai

Aquela que planta árvores. Prêmio Nobel da Paz. 2007

Wangari Maathai nasceu em 1940 no Kenya. Realizou seus estudos nos Estados Unidos e na Alemanha. Dedicou uma aguerrida militância a serviço da proteção ao meio ambiente e dos direitos das mulheres – primeira africana a receber o Prêmio Nobel da Paz.

Passagem de conhecimentos:

Nas aldeias, onde trabalhávamos, organizamos seminários para encorajar homens e mulheres a falar de seus problemas. Insistíamos para que essas reuniões se realizassem em língua local, seja em inglês ou swahili.

Nas regiões rurais, poucas pessoas dominavam essas duas línguas; nos esforçávamos muito para atingir o mais profundo do seu pensamento e sua realidade – Esse trabalho fazia parte dos processos de formação das pessoas para adquirir os conhecimentos necessários à preservação do meio ambiente.

...Em 1998 fui nomeada a co-presidente da Iniciativa 2000 África
...Meu amor pelas árvores vem de meu pai, eu o via muito plantar nas terras de Nakuru e Nyerere.

Em 2000 já trabalhava há mais de um quarto de século sobre a abordagem global de desenvolvimento para resolver consequências da pobreza no Kenya. O que não era unicamente devido à incompetência de nossos governantes e à má gestão dos recursos naturais, mas se explicava também pelo sistema econômico mundial, que para as partes pobres se traduzia também em uma dívida incalculável.”

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. Tributo ao conhecimento africano a busca do conhecimento e da sabedoria nas origens africanas METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 127-149, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

M'Baya

O professor Etienne Richard M'Baya é congolês, do Zaire, hoje República Democrática do Congo. Estudou e pesquisou nas Universidades de Lumumbashi Kinshasa, Paris, Praga e Laval. Doutor em Direito e Ciências Políticas e Doutor em Sociologia e Ciências Humanas, ensinou sistemas comparados de Direito do Homem na Faculdade de Direito da Universidade de Collone-Allegmane - Direitos Humanos.

Com a escravidão, o colonialismo e subsequentemente, o advento do fascismo, retomou-se o exame de recusa dos direitos humanos. Embora em sua forma original, a escravidão, o colonialismo e o facismo tenham desaparecido, reapareceu de outro modo, em nossos dias, sendo o mesmo, seu efeito, no tocante à violação dos direitos humanos. As novas formas são, para citar apenas algumas, as ditaduras e o neo-colonialismo.”²⁷ (M'Baya, 1997).

A Ciência dos Direitos Humanos

A África não é, jamais, uma unidade isolada. Para nós africanos, a vida não é uma aventura individual, é um empreendimento coletivo. Transpondo sobre o plano social, econômico, humano, encontraremos as verdadeiras dimensões do socialismo africano (M'Baya, 2010, p. 104-105)

Nelson Mandela: a ciência da luta política

No interior da prisão da Ilha de Robber, onde cumpriu a maior parte dos 27 anos de prisão, Mandela organizou o que ficou conhecido no mundo com a designação de UNIVERSIDADE MANDELA.”²⁸

A luta é nossa vida e mesmo que o momento da vitória não esteja próximo, podemos sempre tornar essa luta imensamente enriquecedora...”²⁹

A âncora de todos os meus sonhos, é a SABEDORIA COLETIVA DA HUMANIDADE INTEIRA. Nenhum de nós pode ser bem sucedido sem o sucesso do outro (MANDELA, 2010).

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele. Por suas origens ou religião. As pessoas aprendem a odiar e se podem aprender a odiar, é possível ensiná-las a amar, pois o amor chega mais naturalmente ao coração humano.

²⁷ Etienne Richard M'Baya. Gênese, evolução e universalidade dos direitos humanos frente à diversidade de culturas. USP - Universidade de São Paulo

²⁸ Jeosafá Fernandez. O Jovem Mandela.

²⁹ Nelson Mandela. Conversas que tive comigo. Prefácio de Barack Obama. 2010.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. Tributo ao conhecimento africano a busca do conhecimento e da sabedoria nas origens africanas METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 127-149, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

Não houve um dia específico em que eu não tenha dito: daqui em diante eu dedicarei a minha vida à libertação de meu povo, na verdade, simplesmente eu me vi comprometido (MANDELA, 2010)³⁰

Steve Biko

De fato na tradição africana grupos se converteram naturalmente determinados pelas classes de idade, pela divisão de trabalho, entre jovens, pais, familiares que cuidam de novas gerações. Tudo compartilhado entre segredos e experiências de vida. As residências, as moradias foram sempre abertas à música, ao ritmo, canções do tempo de africanos escravizados, o negro “spiritual”, música tradicional negro-africana, tudo que falava sobre a vida. Em síntese, nessas reuniões as pessoas se sentiam negras e diziam: Eu sou negro(a). Eu tenho orgulho de ser negro(a).³¹

Paulin Huontondji

O professor Paulin Huontondji nos diz que hoje na África, nos diversos campos do meio acadêmico, há comunidades científicas regionais, sub-regionais e nacionais em Universidades e centros de investigação de excelentes qualidade, com excelentes cientistas e investigadores, alguns dos quais com carreiras muito bem-sucedidas. O problema que existe, explicita Huontondji, é a falta de um diálogo sistemático e aprofundado entre os próprios cientistas africanos (Huontondji, 1988.)³²

Claude Assabá - A Religião dos Orixás em Pobé

O professor Claude Assabá, africano da República Popular de Benin, nascido em Pobé, faz parte das famílias tradicionais de origem Yorubá do Reino de ONDO - seu lugar de origem, é doutor em Antropologia e Sociologia e doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Paris V Sorbonne. Seu trabalho de estudos e pesquisas examina principalmente as relações entre o Saber e o Poder, no campo da Antropologia; para ele, a sistematização dos conhecimentos é uma prioridade. Os Yorubás julgam necessário adquirir conhecimentos para ter acesso à hierarquia dos saberes.

³⁰ Nelson Mandela. Conversas que tive comigo. Prefácio de Barack Obama. 2010.

³¹ In: Philosophy from Africa. A text with readings. Edited by Ph coetzee and APJ Pag. 26 –University of South Africa. 1998.

³² Paulin Hountondji. Duas perspectivas sobre estudos africanos.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. Tributo ao conhecimento africano a busca do conhecimento e da sabedoria nas origens africanas METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 127-149, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

RELIGIÃO AFRICANA DOS ORIXÁS NA REPÚBLICA POPULAR DO BENIN – DISTRITO RURAL DE POBÉ

Em "A dialética do sagrado, do poder e do saber", o Professor Doutor Claude Assabá apresenta seus estudos e pesquisas realizados em POBÉ e na SORBONNE, sobre a religião dos Orixás.

Pobé é limitado ao Norte pela cidade do Reino de Ketu, ao Sul pelo distrito rural de Sakete, que dá nome na Bahia ao lugar onde se situa o ILE AXÉ OPÔAGANJU, zelados pelo Balalorixá Sr. Balbino Daniel de Paula, em Lauro de Freitas, na Bahia.

Tive a feliz oportunidade de conhecer Pobé; participei de uma cerimônia ritual no espaço religioso, ILE ILA ONDO – O OKPO, que difere completamente dos Terreiros de Candomblé na Bahia. Lá são espaços totalmente abertos, em uma densa floresta onde estão situados os lugares sagrados, os objetos rituais, os instrumentos musicais e representações das entidades cultuadas e das pessoas consagradas, com a seguinte estrutura:

a origem de SABÁ, encontra-se a afirmação da existência de WASA, Deus não somente do mundo, mas de tudo que ele contém... Deus dá a cada pessoa o seu lugar no mundo e o chefe político, o mojer, recebe a autoridade de Deus."³³

A dialética do sagrado, do poder e do saber na divindade ONDO nos ensina que o poder político africano não pode ser compreendido a não ser pela consideração ao Sagrado; nada se explica fora dessa dimensão expressa por uma linguagem específica, através de rituais que privilegiam a natureza, numa articulação permanente com a dinâmica vida cotidiana, compreendendo o poder político emanado de um saber que tem sua origem e se fortalece pelo Sagrado, enquanto uma crença na existência do sobrenatural para mulheres e homens que creem. Nessa perspectiva é que, no Reino e na divindade ONDO em Podé, o rei pertence ao corpo dos homens de Ciência. Há uma filosofia que explica essa união entre as diferentes esferas que constituem a dinâmica da relação entre vivos e mortos, que explica a ciência do fenômeno religioso entre mitos e rituais são crenças, explicações filosóficas e antropológicas.

³³ Claude Assabá. La Dialectique du Sacré, du Pouvoir et du Savoir dans la divinité Ondo. 1986.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. Tributo ao conhecimento africano a busca do conhecimento e da sabedoria nas origens africanas METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 127-149, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

Os mitos ensinam e organizam a sociedade do ponto de vista socioeconômico, político, cultural e religioso, segundo uma visão de mundo que orienta cada grupo étnico ou comunidade organizada. Nessa crença não existe sustentação para uma dicotomia entre as categorias sagrado e profano. Na sociedade pensada nessa orientação, nenhum aspecto da sociedade pode ser compreendido fora dessa relação. Estrutura social e religião são estritamente ligadas, uma vez que o autor ao qual nos referimos afirma que a inteligência humana é ligada à vida e presente em todas as culturas, entendimento que pressupõe um sistema mitológico. É uma manifestação da inteligência – os mitos ajudam a perceber uma dimensão da realidade, de um certo ponto de vista, e mostra a função simbólica do imaginário.

A linguagem do imaginário é o símbolo, uma abordagem que revela caminhos da comunicação e da crença na transcendência. Nessa concepção de religião entre os yorubás, um objeto que se torna símbolo, tende a incorporar o Sagrado na sua totalidade. Os nagôs de Pobé, consideram que a vida tem sua dinâmica em torno do mito da serpente, símbolo da divindade.

Os Yorubás consideram necessário adquirir conhecimentos para se elevar na hierarquia do saber, mas aí uma reflexão se impõe sobre o avanço no terreno do conhecimento que na cultura yorubá não pode ser confundido com a necessidade de capitalização de saberes, necessidade de consumo. (ASSABÁ, 2000, p. 16).

Educação é um imenso tecido de iniciações, ritualizadas, dissimuladas em florestas sagradas, consideradas secretas. (ASSABÁ, 2000, 112).

O saber religioso é um imenso campo de conhecimento, proporcional ao número de divindades que presidem o destino dos yorubá. Os cultos religiosos guardam ao lado do seu caráter teatral, que tantas vezes, é privilegiado por pesquisadores, um certo tipo de SABER importante a ser observado – valores específicos das divindades que são transmitidos nos rituais de iniciação (ASSABÁ, 2000, 127).³⁴

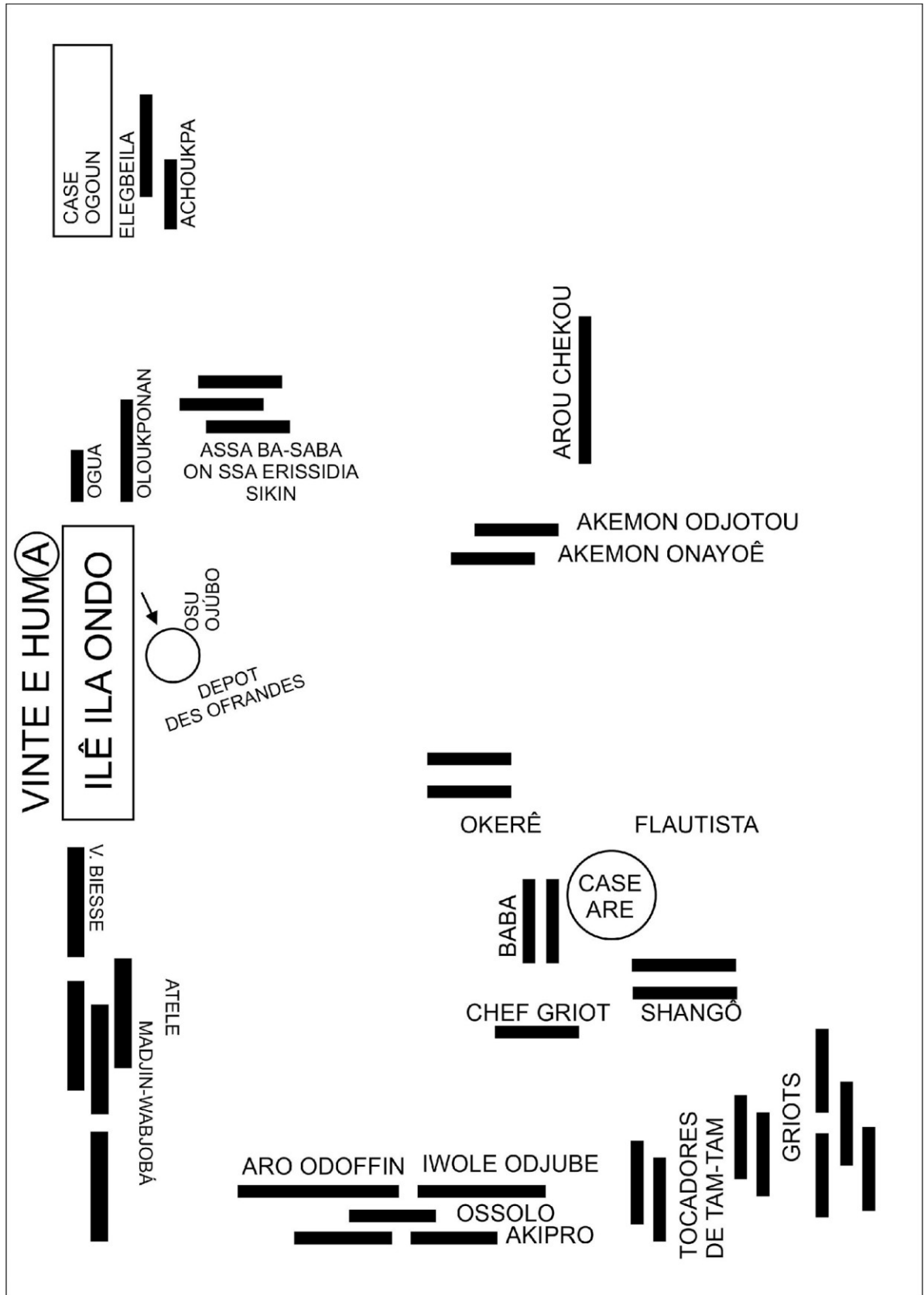
A estrutura da Cosmogonia YORUBÁ

- Um Deus Supremo; as divindades intermediárias; os espíritos dos ancestrais e heróis; os gênios; a Terra; o Mundo Sensível.
- As divindades intermediárias para a Religião dos YORUBÁ são os ORIXÁS que

³⁴ Claude Assabá. *Vivre et Savoir en Afrique. Essai sus l'education orale yoruba*. L'Harmattan, Paris, 2000.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. Tributo ao conhecimento africano a busca do conhecimento e da sabedoria nas origens africanas METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 127-149, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

- constituem o Pantheon YORUBÁ
- ELEGBÁ - divindade que mantém a ordem. Autor da dialética entre a ordem e a desordem. Concentra todos os poderes e pode se mover de um mundo a outro. Intermediário entre os Orixás e a humanidade.
 - ORUMILÁ – Constitui o sistema de adivinhação pelo poder de IFÁ.
 - OBAKOSSÔ-SHANGÔ – O rei que tem o domínio sobre os raios e trovões, patrocina a justiça.
 - OGUM – Protetor dos caçadores, dos ferreiros, dos que trabalham com o metal e o transformam.
 - OXUMARÉ – Divindade da serpente, os seus símbolos são a serpente e o arco-íris, que representam riqueza, poder e sabedoria.
 - ARÉ – O que domina o poder das plantas.
 - CHAPANÁ OBALWAIYE, OMOLU – A divindade que tem o conhecimento da medicina e o poder da cura de doenças e protetor da comunidade.
 - INÁ IBÔ – As divindades gêmeas.
 - ONDO – Protege a cidade. Garante a produtividade, preside o Conselho das outras entidades, guarda e protege as comunidades.



SIQUEIRA, Maria de Lourdes. Tributo ao conhecimento africano a busca do conhecimento e da sabedoria nas origens africanas METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 127-149, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

Essas entidades são homenageadas em cerimônias rituais através de um calendário que é também calculado pela periodicidade do mercado, que determina as características fundamentais do tempo, ligado aos mercados, considerados uma categoria dinâmica da comunidade em tempo e espaço. Esses tempos rituais são o *ossé kekerê*. Os tempos de colheita também estão articulados a *ossé lakun*. Por exemplo, a festa do Inhame é acompanhada de danças, contos, oferendas, alegrias da comunidade. As orquestras que acompanham estas festas são assumidas por pessoas iniciadas. A festa ritual é um meio de comunicação, de reforçar aprendizagens e convivência.

Uma das formas dessa comunicação é a dança, que tem um sentido religioso, expressão do corpo, uma forma de linguagem, um saber religioso específico.

A Constituição dos Espaços Religiosos entre os Yorubás

- OS GRIOTS; OS BABALAOWS – Advinhos;
- OS IWOLE – Encarregados das oferendas;
- OS ODJOUBE – Conselheiros dos Orixás;
- OS ISSA – Organizadores de atividades religiosas;
- OS ASSOBA – ELER – Guardam a costa do Rei;
- OS KABIESSI – Estabelecem a ligação entre o saber e o sagrado.

O princípio fundamental que cria a estrutura social junto aos *nagô/yorubá* é a Terra, que deve pertencer aos seus primeiros ocupantes. Tributo ao conhecimento africano: considerando a concepção africana de religião, articulada à dinâmica da vida, do saber, do conhecimento, ela tem uma dimensão profundamente significativa para a intelectualidade africana, do ponto de vista sociocultural, econômico e político.

Há uma força que perpassa todas as diferentes dimensões da pessoa humana nascida de raízes negras. Essa força vem do compartilhamento hereditário das civilizações tradicionais africanas – base do continente mãe, de onde nascem as origens civilizatórias e grande parte da humanidade, há milhares de anos.

Autores clássicos africanos acreditam nessa dinâmica, de um saber e uma tradição religiosa com sua ancestralidade. Essa força que só nos faz crescer e não nos aliena do ser e estar no mundo do ponto de vista social e político à medida que estamos preparados e conscientes da necessidade de buscar as fontes que nos constituem.

Há uma dimensão de transcendência acima do natural que perpassa a dinâmica existencial da vida cotidiana entre sociedades da África no Continente e nas diásporas

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. Tributo ao conhecimento africano a busca do conhecimento e da sabedoria nas origens africanas METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 127-149, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

negras. O elo que expressa essa realidade é a religião, cuja maior dimensão são crenças, mitos e rituais para o povo negro entre os que acreditam.

CONCLUINDO

Ao apresentar nossas escolhas para definir e orientar este trabalho com a proposta de homenagear o conhecimento africano, a metodologia adotada segue o seguinte percurso: o levantamento de uma bibliografia específica e seus autores, na perspectiva de apontar saberes e conhecimentos africanos identificados em estudos e pesquisas realizadas por estes autores, principalmente respondendo a desafios que por muito tempo acompanham a história com afirmações de que a África não tinha sua própria história, nem possibilidades de construí-la. Os autores escolhidos são clássicos e contemporâneos que buscam construir conhecimento contestando essa negação, construindo suas próprias teses acadêmicas, afirmando a existência de uma intelectualidade africana desde o Egito.

Os principais temas abordados tratam de descobertas relacionadas a:

- A tradição oral – a oralidade e saberes africanos tradicionais;
- A autoridade do conhecimento africano a partir do Egito;
- A questão da metodologia de pesquisa entre tradição oral e escrita na perspectiva da interdisciplinaridade;
- Definições de identidade pelo conhecimento e pertencimento das civilizações e culturas africanas, no continente e na diáspora negra;
- A releitura da historiografia africana e sua presença em universidades além da África, através dos primeiros africanos que mudaram a perspectiva da África em países europeus, criando grupos de estudos a exemplo da Revista Presença Africana junto à Sorbonne na França;
- A dimensão religiosa das civilizações e culturas africanas e suas articulações com saberes tradicionais;
- A relação político-pedagógica entre o sagrado, o poder e o saber.
- A presença da mulher africana nos setores mais significativos das sociedades africanas no continente e nas Diásporas;
- A relação mulher e resistência nos processos de libertação - Wangari Maathai e Valerie Ouedraogo, entre tantos cientistas em diferentes tempos e lugares;
- Saber e religião no distrito Rural de Pobé na República Popular de Benin. Cumprindo nosso propósito, estamos realizando com toda sobriedade uma breve contextualização dos saberes e conhecimentos africanos, descobertos, pelos próprios sábios, intelectuais, estudiosos e pensadores de diferentes grupos étnicos da ÁFRICA MÃE.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. Tributo ao conhecimento africano a busca do conhecimento e da sabedoria nas origens africanas METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 127-149, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

REFERÊNCIAS

- [1] Claude Assabá. *La Dialectique du Sacré, du Pouvoir et du Savoir dans la divinité ondo*. 1986.
- [2] Claude Assabá. *Vivre et Savoir en Afrique. Essai sus l'éducation orale yoruba*. L'Harmattan, Paris, 2000.
- [3] Amadou Hampâté Bâ. *Raizes. A Dupla Herança. Amkoullel, O Menino Fula*. São Paulo, Pallas Athenas, Casa das Áfricas, 2003.
- [4] Jeosafá Fernandez. *O Jovem Mandela*.
- [5] Kabenguele Munanga & Nilma Lino Gomes. *Para entender o negro no Brasil: histórias, realidades, problemas e caminhos. Ação Educativa. Coleção Viver e Aprender*. São Paulo, global, 2004.
- [6] Paulin Hountondji. *Dois perspectivas sobre estudos africanos*.
- [7] In: *Philosophy from Africa. A text with readings*. Edited by Ph coetzee and APJ Pag. 26 – University of South Africa. 1998.
- [8] Laurence Lemaona. *Nossa liberdade não pode esperar. Dilecta*, 2017.
- [9] Etienne Richard M'Baya. *Gênese, evolução e universalidade dos direitos humanos, frente à diversidade de culturas. USP - Universidade de São Paulo*.
- [10] Elikia M'bokolo. *Diretor de estudos Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais*.
- [11] Elikia M'boloko. *Preface in Favelle François Xavier, L'Afrique de Cheik Anta Diop. Histoire et Idéologie*. Paris: Karthala, 1996.
- [12] Amadou Mahtar M'Bow. *História Geral da África*. Editado por Joseph Ki- Zerbo. 2010.
- [13] Nelson Mandela. *Conversas que tive comigo. Prefácio de Barack Obama*. 2010.
- [14] Achille Mbembe. *Crítica da razão negra*. 1 Edição. 2018.
- [15] Kabenguele Munanga. *Origens africanas no Brasil contemporâneo: histórias, línguas e civilizações*. São Paulo, Global, 2003.
- [16] Suzane Pagé & Angeline Scheirf. *Afrique du Sul, une scène contemporaine*. Éditions Dilecta. Fondation Louis Vuitton, Paris, 2017.
- [17] SENUN - Seminário Nacional de Universitários Negros. *"A Universidade que o povo negro quer."* Em: 1. Salvador - Bahia, 1993.
- [18] Joseph Ki-Zerbo. *História Geral da África I Metodologia e pré-história da África. Introdução geral*. 1996.
- [19] Joseph Ki-Zerbo. *Para Quando África? Entrevista com René Holenstein, tradução Aboim de Brito*. Pallas, 2009.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. *Tributo ao conhecimento africano a busca do conhecimento e da sabedoria nas origens africanas* METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 127-149, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.